PRÊMIO JK

Saber acadêmico e pioneirismo

Professora emérita da UnB e defensora dos quilombolas, Maria da Glória Moura, de 90 anos, recebe homenagem especial e afirma que "vibra" com a capital. Fundador da Pioneira da Borracha, Hely Walter Couto, 100, tem o trabalho reconhecido

» GABRIELA CIDADE
» MANUELA SÁ

A luta antirracista, a dedicação às comunidades quilombolas e o saber acadêmico renderam a Maria da Glória Moura, professora emérita da Universidade de Brasília (UnB), a homenagem especial do **Prêmio JK Correio Braziliense**. "Eu estou surpresa, eu não esperava esse prêmio. Foi uma luta para estar nos quilombos", afirmou a docente de 90 anos, ao lembrar o esforço que precisou fazer para alcançar as comunidades quilombolas. O título de professora emérita foi concedido pela UnB em 30 de setembro passado. Naquele dia, ela enalteceu a educação. "Mesmo aposentada, sigo na luta pelos direitos quilombolas e por diversidade, pluralidade e inclusão. A educação só cumpre seu papel quando é instrumento de emancipação e de libertação", advertiu.

Única representante negra no Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte da UnB, Maria da Glória criou propostas que contribuíram para o reconhecimento do direito à propriedade definitiva das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos. Ela contou que ficou abalada ao perceber que quase ninguém conhecia os quilombos, nem mesmo aquelas pessoas que estiveram em salas de aula. "Eu dei aula para os professores, e eles também não sabiam que quilombos existiam", relembra.

A homenageada admitiu que ainda há resistência da população brasileira de reconhecer a contribuição da população negra. "Há uma tendência a não reconhecer o trabalho que o negro fez não só nos quilombos, mas em toda a vida política brasileira. Então, temos que ir à luta por esse povo, que teve um tratamento diferenciado e precisou sobreviver", comentou a professora.

Sob aplausos, Maria da Glória recebeu o prêmio das mãos de Wolney Queiroz, ministro da Previdência Social do Brasil, durante a cerimônia na Sala Martins Pena do Teatro Nacional Claudio Santoro. "Estamos aqui vibrando com Brasília, com minha neta e minha família. Viemos para cá no início. Essa ideia de valorizar Brasília... Tem gente que teima em dizer que Brasília não deveria ser assim, que deveria ser 'assado'. Estamos aqui para reservar esse lugar para sempre no nosso coração. Obrigada, Brasília! Obrigada a todos!", disse a professora, emocionada.

Ela segue disposta a continuar com o seu trabalho. "O que eu puder fazer para dar visibilidade e levar uma educação ligada à realidade do negro brasileiro, eu vou fazer. Mas é difícil. Estamos nessa luta desde sempre. Ainda temos muito o que fazer", concluiu a homenageada.

Além de suas atuações como professora, Maria da Glória contribuiu com obras importantes, como *Uma história do povo kalunga, negro na sociedade brasileira, Brasil/África: como se o mar fosse mentira e Festa dos Quilombos* (Editora UnB, 2013) e o capítulo "*O Direito à Diferença*" que integra o livro *Superando o racismo*, obra publicada pelo Ministério de Educação.

Celebração às raízes

Outro homenageado ontem com o **Prêmio JK Correio Braziliense** foi o empresário Hely Walter Couto, fundador e proprietário da Pioneira da Borracha. "Tenho uma história aqui. Vivo Brasília, estou aqui, sou comerciante e conheço todo mundo e todo mundo me conhece", afirmou.

Coube ao deputado distrital eleito André Kubitschek, bisneto de Juscelino Kubitschek, entregar o troféu a Hely. "É com muita honra e com muita alegria que recebo esse prêmio. Confesso que participei de várias homenagens na minha vida. No entanto, essa é mais uma que participo, pois estou aqui em Brasília há mais de seis décadas", disse Couto, ao receber o prêmio, também visivelmente emocionado. "Sou feliz por estar aqui em Brasília, onde tenho diversos amigos", acrescentou, ao celebrar as raízes fincadas na capital federal.

No palco da Sala Martins Pena, ele fez questão de homenagear um amigo presente na plateia. "Estou vendo aqui uma figura muito importante: Paulo Octavio. Ele é meu amigo, mas o pai dele, Cléo Octavio, foi um dos maiores amigos que eu tive em Brasília", disse o fundador da Pioneira da Borracha. "Parabéns a todos e agradeço, mais uma vez, por essa homenagem, que fica guardada em meu coração."

Couto nasceu em Belo Horizonte e, após chegar a Brasília, estabeleceu-se no Núcleo Bandeirante. "Estou hoje na W3 há 60 anos. A Pioneira da Borracha é uma loja antiga, uma tradição em Brasília."

Premiados

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press





Maria da Glória Moura, liderança antirracista

Maria da Glória Moura é professora emérita aposentada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB) desde outubro de 2026. A honraria foi aprovada pelo Conselho Universitário (Consuni), em reunião realizada em 8 de maio. Um reconhecimento à trajetória da docente, além de sua atuação e pioneirismo na defesa da educação antirracista, das comunidades quilombolas e da ampliação da presença de diferentes saberes e vozes dentro do espaço acadêmico.

Formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), a pedagoga chegou a Brasília em 1978, após conquistar uma bolsa de pesquisa para cursar pós-graduação na Faculdade de Educação da UnB. Maria da Glória foi uma das primeiras professoras negras da universidade. Na década de 1980, atuou de forma decisiva para a fundação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab). Ela foi a única representante negra no Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte da UnB. A professora apresentou propostas que contribuíram para a discussão resultante no artigo do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) — texto que reconheceu o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos.

> **Há uma tendência a não reconhecer o trabalho que o negro fez não só nos quilombos, mas em toda a vida política brasileira. Então, temos que ir à luta por esse povo, que teve um tratamento diferenciado e precisou sobreviver"**

A docente promoveu os primeiros cursos de formação em história e cultura afro-brasileira e criou o primeiro livro didático para crianças quilombolas. Também esteve na liderança intelectual e política que fez da UnB, em 2003, a primeira universidade do país a implementar o sistema de cotas para estudantes negros.

Hely Walter Couto, um pioneiro centenário

Natural de Carmo do Paranaíba (MG), Hely nasceu em 1925 e completou 100 anos em dezembro do ano passado. Chegou à futura capital do país antes da inauguração, vindo de Belo Horizonte a convite de um amigo que era funcionário da Novacap, empresa responsável pela construção da cidade. Ex-alfaiate e ex-militar, assim que chegou a Brasília, em 1959, identificou a demanda por botas, capas de chuvas e artigos de borracha para suprir os operários que ergueram a capital. À época, Hely era recém-casado com Helenice Bougleux, com quem teve quatro filhos — Eduardo, Bráulio, Viviane e Luiz Henrique, falecido. Criou a Pioneira da Borracha antes de Brasília ser inaugurada. Durante a trajetória profissional, formou-se em contabilidade e direito pelo UniCeub.

> **Tenho uma história aqui. Vivo Brasília, estou aqui, sou comerciante e conheço todo mundo e todo mundo me conhece. É uma história de trabalho. Estou muito contente porque faz mais de 60 anos que estou em Brasília"**

O sucesso da loja cresceu com a capital. Da antiga Cidade Livre, em uma casinha de madeira, Hely se mudou para a W3 Sul em 1964, onde construiu o prédio que ainda abriga. A avenida, que se tornaria um dos principais eixos comerciais de Brasília, foi palco do amadurecimento do negócio. Referência entre comerciantes, o empresário é o maior defensor da W3 como patrimônio. Ao longo das décadas, diversificou o catálogo — de borrachas e colchões a brinquedos, presentes e materiais de construção — e abriu fábricas e lojas em regiões do Distrito Federal. Também foi tesoureiro, secretário, vice-presidente e presidente do Conselho Superior da Associação Comercial do Distrito Federal, além de presidente do Comércio Varejista do DF e vice-presidente da Federação do Comércio do DF.